

A (re)construção da identidade masculina(*)¹

Berenice Alves de Melo Bento

Doutoranda em Sociologia – Universidade de Brasília

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir as novas formas de organização da subjetividade dos homens a partir de uma pesquisa, realizada em Brasília, em torno da temática masculinidade e subjetividade. A pesquisa procurou entender como as disposições duráveis, ou “*habitus* masculino”, que dizem respeito à estruturação da identidade masculina, assimiladas na socialização primária, são vivenciadas e questionadas.

Palavras-chave: subjetividade; masculinidade; *habitus*.

Abstract

This paper is intended to reflect on the new organisational forms of the subjectivity of men who have taken part in a research in Brasilia, which dealt with masculinity and subjectivity. The study looked at the durable dispositions or the masculine “*habitus*” (BOURDIEU, 1996), related to the building up of the structure of the masculine identity and assimilated during the primary socialisation, how they are felt and questioned.

Keywords: subjectivity, masculinity, *habitus*.

* The (re)construction of the masculine identity.

¹ Este artigo é uma versão condensada de um dos capítulos da minha dissertação de mestrado, defendida em maio de 1998, no Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília.

Introdução

Nas últimas três décadas, o Brasil foi acometido de uma série de mudanças que não se limitaram à esfera político-econômica. Novos códigos e modelos comportamentais passaram a ser estruturados por jovens que eram, em grande parte, estudantes secundaristas ou universitários. Nas décadas de 60 e 70, em especial, a “ideologia individualista” (DUMONT, 1985) funcionou como substrato dos movimentos políticos e sociais que propunham novas linguagens e códigos comportamentais.

Um leque muito amplo do sistema simbólico que legitimava a ideologia das relações de gênero, baseado da binaridade hierarquia e assimetria vem sendo questionado, como por exemplo, a virgindade como símbolo do maior patrimônio feminino; a forma de funcionamento das famílias; a representação da mulher como inferior ao homem; vinculação exclusiva da sexualidade à reprodução; o código moral assimétrico dos gêneros, que legitimava as condutas masculinas e femininas como opostas e excludentes.

Alguns dos questionamentos e rupturas fundamentaram-se na idéia de que homens e mulheres devem escolher e decidir os seus destinos, de forma livre e autônoma, sem serem constrangidos pelas normas e interdições sociais. Articularam-se discursos em que o indivíduo era valorizado como unidade psíquica única.

O objetivo deste artigo é, a partir de uma pesquisa realizada com homens pertencentes à camada média urbana² de Brasília, cuja marca de distinção está em serem psicologizados,³ refletir como essas transforma-

² Sobre estudos que utilizam a categoria “camada média urbana”, ver VELHO (1979, 1985, 1986); FIGUEIRA (1985); DAUSTER (1985); SALEM (1986); e HEILBORN (1984, 1992). Segundo SALEM (1986), “estes trabalham sustentam que a compreensão da lógica simbólica e dos padrões éticos não podem ser mecanicamente deduzida ou apreendida a partir de critérios sócio-econômicos (...) Alguns autores (...) destacam o acelerado processo de modernização pelo qual atravessou a sociedade brasileira a partir dos anos 50. A ideologia desenvolvimentista, o recrudescimento da influência norte-americana e *oboom* da psicanálise verificados nos anos 60/70, nos grandes centros urbanos, teriam provocado alterações significativas nos valores e na visão de mundo das camadas médias urbanas” (1986:27-28), criando um segmento vinculado à linguagem e *aoethos* psicanalítico, consecutário da ideologia individualista.

³ Por *psicologizados* entenda-se indivíduos que tenham se submetido ou se submetam a algum tipo de terapia, não sendo necessariamente o tratamento psicanalítico. A expressão “psicologizado” é amplamente utilizada por FIGUEIRA (1985, 1987) e VELHO (1979, 1986) e está relacionada à preocupação, principalmente, entre os membros das camadas médias residentes em metrópoles, com a busca da auto-compreensão, a qual ocorre mediante o consumo de livros de auto-ajuda; terapias das mais diversas correntes; biodança; ioga; entre outras, sendo que muitas vezes ocorre a combinação de mais de um tipo de

ções vão repercutir nas subjetividades dos homens entrevistados.⁴

A reflexão sobre a identidade de gênero deste grupo de homens foi provocada pela seguinte questão: será que os homens ficaram impassíveis diante das mudanças propiciadas pelo ingresso das mulheres na vida pública, do movimento feminista e da emergência da ideologia individualista?

A pesquisa realizada com estes homens mostrou que há um movimento de reorganização de suas subjetividades. A possibilidade de o homem falar de suas angústias, medos, incertezas e a liberação das emoções por meio do choro e outras formas de expressão da subjetividade, têm sido um processo tenso, marcado por conflitos existenciais, uma vez que tal modelo comportamental é identificado como feminino, sendo esse campo emotivo considerado frágil.

A ideologia que estrutura e legitima a relação dos gêneros estabelece que homens e mulheres são portadores de identidades que só podem ser expressas como antagônicas e está inscrita no campo biológico. No entanto, a identidade dos gêneros é construída a partir de um longo processo histórico e social de inculcação de verdades, o que torna a desconstrução dessas identidades nos cotidianos dos agentes sociais marcada por conflitos que podem se dar de forma explícita, como foram as rupturas e conflitos desencadeados pelo pensamento e movimento feminista; outras formas estão mais vinculadas ao “sociologicamente invisível”⁵ (FIGUERA, 1987), a exemplo do que ocorre com o movimento de reorganização da subjetividade masculina.

A gestação de uma nova subjetividade masculina?

O rápido processo de modernização industrial, pelo qual o Brasil passou, não teve o mesmo ritmo nas subjetividades, principalmente, quando se pensa em subjetividade masculina. Para NOLASCO (1993), uma nova

“tratamento”. Ser psicologizado significa estar associado a uma forma singular de visão de mundo, que confere proeminência ao indivíduo e à subjetividade, assim como atribui importância singular “à verbalização e à elaboração das emoções e ainda que sacraliza as experiências pessoais como sendo irredutivelmente únicas e singulares” (SALEM, 1986:27)

⁴ Foram entrevistados 15 homens na faixa etária entre 40 e 50 anos. As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas entre março e agosto 1997.

⁵ FIGUEIRA denomina como “sociologicamente invisível” o “imaginário, as emoções, o desejo, em uma palavra, o sujeito” (1983:14). Para o autor, o “sujeito” é a parte mais importante da “dimensão invisível da mudança” (idem:14). Tal afirmação não significa que FIGUEIRA pense que haja uma separação entre indivíduo e sociedade, mas chama a atenção para a problemática da mudança social no domínio da subjetividade, uma dimensão, segundo o autor, mais resistente à mudança.

subjetividade masculina começou a ser construída no final da década de 60, tendo a Tropicália, por meio das composições de Gilberto Gil e Caetano Veloso, como suporte.

Tão importante quanto tentar precisar o momento histórico em que começou a se constituir uma nova forma de definição de ser homem, é buscar destacar que tal processo não ocorreu tranqüilamente, sem embates com os padrões de masculinidade⁶ socialmente aceitos. Talvez hoje pareça, para alguns, extremamente banal ver um homem com cabelos longos, usando brincos, cuidando dos filhos, declarando que se emociona e chora sem vergonha.

Mesmo que se concorde que há uma tolerância social em se conviver com esse tipo de masculinidade, também é necessário que se note que o tipo hegemônico⁷ na nossa sociedade está muito mais para homens portadores de uma subjetividade como a do personagem Paulo Honório, no romance neo-realista *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. Nesta obra, o autor construiu um personagem, portador de uma masculinidade que exalta a astúcia, que não hesita em amedrontar ou corromper para conseguir o que deseja, sendo que tudo e todos são seus inimigos, ou objetos, cujo único valor é o lucro que possam lhe dar. A relação que Paulo Honório estabelece com sua esposa, Madalena, é marcada pela posse, ciúme e controle, a tal ponto dela não suportar tanto sofrimento e suicidar-se. Ao fim da vida, Paulo Honório faz uma reflexão sobre sua condição de provedor:

Cinqüenta anos! Quantas horas inúteis! Consumir-se uma pessoa a vida inteira sem saber para quê! Comer e dormir como um porco! Como um porco! Levantar-se cedo todas as manhãs e sair correndo, procurando comida! E depois guardar comida para os filhos, para os netos, para muitas gerações. Que estupidez! Que porcaria! Não é bom vir o diabo e levar tudo?... A culpa foi minha, ou antes a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste. (Graciliano Ramos, s/d:248).

A *alma agreste*, de Paulo Honório refere-se a um tipo de subjetividade marcada pela frieza, insensibilidade e astúcia. Esta forma de organizar as emoções, o desejo, as relações passam a ser questionadas por meio de con-

⁶ Entendo “masculinidade” como a configuração das práticas dos homens na ordem de gênero, conforme definição proposta por CONNELL (1987).

⁷ Segundo CONNELL (1987), a masculinidade hegemônica caracteriza-se pela capacidade de impor uma definição normativa exclusiva do que seja ser homem. O modelo comportamental exaltado é o pautado pela agressividade, competitividade, busca pelo sucesso e poder, além da aversão a tudo que se relacione ao feminino.

flitos e angústias, pelos homens que entrevistei, pois o modelo de homem com o qual foram socializados estava muito próximo do encarnado por Paulo Honório. Construir novas formas de se relacionar com suas emoções, com as mulheres, com os filhos, com outros homens, exige deles uma reelaboração e reflexão sobre o mundo a sua volta e seu lugar neste mundo.

Para entender como estes homens reorganizam suas subjetividades, foram particularmente importantes os trabalhos de VELHO (1986), FIGUEIRA (1987) e NICOLACI-DA-COSTA (1985). Estes autores, cada um a seu modo, buscam entender como a coexistência de códigos simbólicos diferentes na subjetividade dos indivíduos gera conflitos existenciais (VELHO, 1986), desmapeamentos⁸ (FIGUEIRA, 1987) e descontinuidades (NICOLACI-DA-COSTA, 1985), fazendo com que a identidade social e de gênero seja elaborada a partir de questões como: “Eu sou o que os outros acham que sou?” “Sou o que faço?” “Sou uma somatória dos diversos papéis que desempenho e, portanto, de minhas diferentes performances?” “Tenho uma marca anterior ao que faço e aos papéis que desempenho?” “Tenho um *self* independente da visão que os outros têm de mim?” (VELHO, 1986:20).

Quando os indivíduos começam a se colocar essas questões, a duvidar da própria identidade, é porque houve um encontro conflitante entre visões de mundo nas suas subjetividades.⁹ Estes processos materializam-se nas ações do cotidiano por meio do efeito de desmapeamento. Tal efeito pode ser notado na fala de um dos entrevistados:

Cícero: – É como se eu tivesse na minha frente várias opções de como agir. O que eu sinto é que esse caminho que eu estou trilhando, vai me dar uma qualidade, um crescimento maior (...) O outro caminho não está me dando muito essa coisa [referência a educação que recebeu do pai]. Eu sinto que eu me realizo mais, eu me sinto mais satisfeito. Apesar que sinto também a coisa travar aqui dentro, por esse caminho também. (...) Apesar que, às vezes, eu busco também outros recursos. Eu às vezes chego à conclusão de que também tenho que ser durão na educação dos meus filhos. Então, é como se eu selecionasse aquilo que eu aprendi e desse mais qualidade naquilo. Ou seja, não uso de qualquer jeito. Exatamente, é como se eu selecionasse.

⁸ Segundo FIGUEIRA, o desmapeamento caracteriza-se pela “coexistência de mapas, ideais, identidades e normas contraditórias nos sujeitos. O desmapeamento não é a perda ou simples ausência de ‘mapas’ para orientação, mas, sim, a existência de mapas diferentes e contraditórios inscritos em níveis diferentes e relativamente dissociados dentro do sujeito” (1987:23).

⁹ É importante ressaltar que este “movimento” de redefinição das subjetividades é precedido pelo movimento feminista. Entender que a identidade de gênero é construída relacionalmente significa dizer que as transformações que ocorrem ou estão em curso na identidade de um determinado gênero acarretarão reposicionamentos do outro.

Os entrevistados identificam esse movimento nas suas vidas como estando relacionado à passagem de uma visão tradicional para uma visão moderna da relação com o mundo a sua volta e com as próprias emoções. Segundo esse prisma, as transformações na identidade masculina consistem na dissociação entre os valores com os quais os homens foram socializados primariamente (identificados como tradicionais, que estabelecem posições fixas, assimétricas e hierarquizadas para os gêneros dentro da estrutura social) e os valores que foram sendo incorporados ao longo de suas vidas (identificado com a igualdade, simetria, liberdade entre os gêneros). Isso gera uma descontinuidade socializatória à medida que foram socializados para estruturarem suas ações de acordo com uma identidade masculina, baseada na competição, na agressividade, na violência, na repressão dos sentimentos e na frieza para com os filhos.

Mas até que ponto orientações, ou visões de mundo diferentes, coexistindo na subjetividade, geram conflitos ou crises? Para alguns autores (VELHO, 1986; HEILBORN, 1984; FIGUEIRA, 1987; NICOLACI-DACOSTA, 1985), esse processo é sentido pelos atores sociais por meio de crises de identidade, visto que a busca da coerência nas ações faz com que optem entre um código de conduta identificado com o moderno ou com o tradicional, por meio de um processo de equacionamento interior, marcado por conflitos existenciais.

Esse processo de questionamento e rompimento com as definições sociais do que deva ser um “homem com ‘H’ maiúsculo” é considerado como desafio. Segundo um dos entrevistados:

Paulo: – *Essa coisa do macho duro é uma coisa que a gente suporta. A gente aprende que homem não tece a dor, agüenta tudo no osso do peito. Não é uma coisa construída de dentro para fora. É imposta e para mim, eu reconheço que aquela imagem, aqueles papéis foram muito bravos, que foi difícil depois abrandá-los (...) Eu posso dizer que me tornei mais sensível à base de terapia, à base de muito sofrimento, até hoje.*

O homem aprende, desde os primeiros momentos de sua vida, a estruturar seu comportamento de tal forma que não demonstre qualquer sinal de sensibilidade, afetividade, ou qualquer comportamento identificado como sendo do campo emotivo feminino, inclusive com os filhos, pois pode ser rotulado de fraco ou *gay*.

Aprender a não chorar é um dos primeiros ensinamentos sociais para o gênero masculino. A escola, a igreja, a rua, a família são as insti-

tuições que aparecem nas narrativas dos entrevistados como responsáveis pela reprodução da pedagogia da virilidade.

Aquilo que estrutura o comportamento dos gêneros é produzido desde a mais tenra idade. São verdades sociais, impossíveis de relativização, que constroem as disposições duráveis de homens e mulheres, o *habitus*.¹⁰ Por isso a subjetividade é mais reticente a mudanças. Negar racionalmente a um determinado padrão de comportamento não significa que se passará a agir de uma outra forma imediatamente, fazendo com que haja um convívio de mapas na subjetividade, o que pode gerar um processo de descontinuidade socializatória.

A descontinuidade significa que áreas da vida de uma pessoa já não são mais compostas por padrões e hábitos preexistentes. As escolhas de estilo de vida constituem uma “narrativa reflexiva do eu” (GIDDENS, 1992), que é continuamente reelaborada.

O processo de formação da subjetividade masculina ocorre a partir de algumas interdições que estarão presentes ao longo da vida dos homens. Assim, falar sobre o significado do choro é remeter-se ao processo de formação da própria subjetividade e, neste processo, a família aparece como o primeiro núcleo formador do *habitus*.

BERGER & LUCKMANN atribuem um peso definidor das ações dos agentes à socialização primária, principalmente à família. Segundo esses autores, mesmo que os valores interiorizados nesse período da vida fossem questionados pelas transformações sociais, manter-se-iam presentes nas subjetividades dos sujeitos, norteando suas ações, pelo fato de terem sido interiorizados durante a socialização primária. No entanto, em contextos sociais marcados pela complexidade e multiplicidade, é importante relativizar tal concepção.¹¹

¹⁰ Utilizo *habitus* conforme BOURDIEU (ORTIZ, 1983), segundo o qual todo agente social é portador de um sistema de disposições duráveis, que funciona como uma matriz geradora de sentido (vide 11ª. nota de rodapé deste artigo).

¹¹ A posição de BOURDIEU sobre a profundidade dos valores inculcados na socialização primária é próxima a de LUCKMANN & BERGER. Para aquele autor, todo agente social é portador de um determinado sistema de disposições duráveis, um *habitus*. A socialização é o processo por meio do qual o indivíduo é introduzido no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela. Por considerar a importância do mundo simbólico interiorizado na infância, BOURDIEU afirma que o indivíduo não reconstrói diariamente sua visão do mundo, nem mesmo sua forma de agir sobre ele, ao contrário, ele traz em si, por um processo de “interiorização da exteriorização” um “sistema de disposição durável”, um *habitus*, que funciona praticamente como uma bússola, determinando as “condutas ‘razoáveis’ ou ‘absurdas’ para qualquer agente” (ORTIZ, 1983:63) inserido em uma estrutura. Esse é o princípio norteador da percepção e da apreciação de toda experiência posterior.

Sem esquecer a importância da socialização primária, principalmente da instituição família, nesses contextos sociais marcados pela complexidade e multiplicidade, quebra-se a continuidade que poderia garantir aos homens e mulheres uma unidade psíquica para toda a vida. De acordo com VELHO (1985), que percebe a coexistência de códigos diferentes tanto na esfera pública quanto na privada, os agentes sociais experimentam o sentimento de uma descontinuidade entre estas duas esferas.

Não se pode negar que os valores herdados da família compõem uma variável explicativa das ações dos indivíduos, mas há um cruzamento multidirecional de valores que são apreendidos na socialização secundária, fazendo com que a dimensão do conflito, devido à interiorização destes diversos mapas, seja estabelecida.

Em uma “sociedade complexa moderna” (VELHO, 1979), os mapas de orientação para a vida social são ambíguos, tortuosos e contraditórios. A construção da identidade e a elaboração de projetos individuais são feitas dentro de um contexto em que diferentes “mundos” ou esferas da vida social entrecruzam-se, misturam-se e, muitas vezes, entram em conflito.

Na socialização primária, os papéis sociais começam a se definir, passando progressivamente de uma esfera mais concreta para outra mais abstrata. Por exemplo, quando a criança afirma que “papai não quer que eu chore”, ocorre um nível de concretude diferenciado de quando se afirma: “homem não chora”. No primeiro caso, as ações desta criança são pautadas por uma identidade reflexiva; no segundo, o indivíduo identifica-se não somente com os outros concretos, mas com uma generalidade de outros, isto é, com a sociedade. Para BERGER & LUCKMANN, somente em virtude desta identificação generalizada, a identificação alcança estabilidade e continuidade. No entanto, quando se pensa em sociedades complexas, estas estabilidade e continuidade podem estar ameaçadas, abrindo espaço para o conflito.

Identificar-se, portanto, é encontrar um lugar no mundo, um sentido para as ações, é se ver e ser reconhecido como homem a partir das atribuições definidas socialmente ao homem. O processo de questionamento sobre a consistência dos valores aceitos e compartilhados abre espaço para que ocorra uma cisão e conseqüente fragmentação da representação do homem.

Para os entrevistados, fazer o movimento de negação dos valores assimilados na socialização primária só foi possível por meio de, como

relatou um dos entrevistados, *muito investimento em terapia* e ainda não é algo concluído, acabado.

Todos os homens falaram que na infância o choro era uma das principais proibições, fosse em casa ou na rua, e do rompimento posterior que tiveram que processar com este padrão de masculinidade incorporado nessa época.

Carlos: – *Para mim, extrair o choro é extremamente difícil. Hoje, eu já choro com mais naturalidade e até com mais freqüência. Sou mais predisposto a me expor, porque chorar é expor fraquezas. Principalmente para mim, eu trouxe muito isso do choro ser fraco (sic), sinônimo de fraqueza, homem que é homem não chora.*

Paulo: – *A construção dessa imagem do homem é muito forte, muito difícil porque a gente não tinha dimensão da carga que era, do peso, mas eu acho, até agora, que ser homem é muito difícil; esse estereótipo, essa coisa de ter que ser assim, a dureza que a gente tinha que desenvolver, a agressividade. Não podia ser nem sensível e nem delicado. Para gente, isso não pintava. Era muito forte.*

Os entrevistados pertencem a uma geração de crianças em que a hierarquia era um dado presente no cotidiano; e a definição dos papéis sociais vinculados ao homem primava pela idéia da hierarquia, sendo os homens o pólo positivado (forte, viril) e as mulheres o negativado (frágil, sem iniciativa, sem criatividade).

A incorporação da ideologia individualista nas subjetividades dos agentes sociais, que tinham sido socializados com outra concepção de mundo, faz com que estes, embora defensores de valores identificados com o individualismo (liberdade, autonomia, igualdade), busquem um nível de coerência que é obtido por meio de equacionamentos interiores, marcados por crise. Daí, lançarem mão de terapias, as mais diversas. A fala de um dos entrevistados apresenta as dificuldades para se romper com o padrão social definido do que deva ser homem:

Olavo: – *O homem sente insegurança, frustração, dor. Talvez alguns não percebam isto, né? Mas todo mundo é muito sensível. Eu acho que o homem não fala. Ele sente, mas não fala. Não fala de medo, medo de demonstrar fraqueza, de parecer um fraco. Você está assim sempre em alerta, você está sempre atento. O homem não chora, não pode chorar. O homem não pode demonstrar fraqueza nenhuma, nem insegurança. Tem que estar sempre fingindo. Às vezes você é inseguro, mas tem que fingir que não é, senão você dança (...) Durante todo o tempo que fiz terapia, eu chorei: chorei três anos e meio. Nossa, eu chorava demais na terapia. Nossa Senhora! Pauleira! Eu fiz terapia de grupo, individual e depois de grupo.*

Muitas vezes, o fato do homem não demonstrar ser sensível em todas as esferas sociais das quais participa, é resultado de um sentimen-

to de auto-preservação. Outro entrevistado também admitiu que passava por um momento de grande reflexão sobre sua vida e os condicionamentos sociais inculcados, os valores que queria abandonar, mas também disse sentir medo das interpretações sociais que suas atitudes poderiam denotar. Para ele, o homem cala-se diante do sofrimento e das dúvidas com medo de ser considerado gay.

Cícero: O problema é que o homem tem esta dificuldade de sensibilidade, exatamente pelos condicionamentos sociais. O fato de estar lidando com estas coisas dá uma conotação para sociedade de que o cara é veado, tem algum desvio. Os condicionamentos sociais são muito fortes e impedem muito esta busca da própria auto-ajuda que o homem tem. Esta busca, no meu caso, vai ter que ser uma coisa permanente. Ao mesmo tempo que eu não quero parar, tenho receio, porque você fica muito exposto. Eu estou refletindo muito em cima de determinadas coisas. Na medida em que o homem vai se voltando para o trato psicológico, voltando-se para si mesmo, seja com terapia, seja com leitura, à medida que o homem começa a se aproximar mais desta esfera, de buscar seu eu, de se descobrir, se auto-ajudar, ele começa a compreender mais as pessoas e entender que as pessoas são o que são e que tem que ter muita compreensão nos relacionamentos.

A fala de Cícero marca uma característica dos homens que foram entrevistados: todos falaram dos fortes *condicionamentos sociais*, segundo expressão de um deles, para que pudessem desempenhar suas funções com sucesso e virilidade, ou seja, para se tornarem homens. Se dizem em processo de aprendizado, estão aprendendo a falar sobre si próprios e a refletir sozinhos, num *silêncio assustador*, num *silêncio rico*, sobre suas vidas, suas atitudes, seus passados, tentando redefinir o significado do que deva ser homem.

As queixas dos homens entrevistados aproximaram-se muito das que NOLASCO notou na pesquisa que fez no Rio de Janeiro. Ele percebeu nos depoimentos dos homens uma *solidão, sofrimento e uma tensão premente, difícil de ser identificada e assumida no cotidiano* (NOLASCO, 1995).

Os entrevistados acreditam que é na *conversa consigo* que pode ocorrer uma *reprogramação*, uma desestruturação dos *habitus* sociais incorporados, considerando até que ponto os padrões de comportamento estabelecidos poderiam ser modificados ou até descartados. É nesse processo de reestruturação que uma nova subjetividade pode ser gestada. Uma subjetividade marcada pelo desmapeamento.

A identidade comum dos gêneros

Como nomear esta nova subjetividade masculina, que destoa do modelo socialmente definido e aceito de forma hegemônica? Até o momento, tem-se nomeado os homens que buscam reestruturar suas subjetividades como “homem-feminino”, “homem-sensível” (BLY, 1991). NOLASCO discorda destas nomeações. Para ele, é como se estivesse havendo:

(...) uma 'autorização' para que o indivíduo possa distanciar-se de um certo determinismo naturalista, utilizado pelas ciências humanas e sociais, que definem o que são comportamentos de homem e mulher, tomando para si o que socialmente está atribuído ao outro sexo. 'Homem-feminino' e 'mulher-masculina' são virtualidades que apontam mais para uma transição do que propriamente para uma 'nova representação' dos indivíduos (NOLASCO, 1995:16).

BADINTER diz que os escandinavos usam uma terminologia metafórica para definir dois tipos de masculinidade:

homem-nó e homem-mole. O homem-nó é obcecado pela concorrência, prisioneiro do desempenho sexual e intelectual, agressivo; o homem-mole é partidário da igualdade entre homens e mulheres, renunciou aos privilégios masculinos, da preeminência do macho que a ordem patriarcal lhe confere (BADINTER 1992:40).

Contudo, a nomeação “homem-mole” ainda não corresponde à organização da subjetividade dos homens entrevistados. As metáforas “mole” e “duro” não traduzem a dimensão conflituosa que, de uma forma geral, permeia os depoimentos dos homens, da mesma forma que as expressões “homem-feminino”, “homem-sensível”.

Para um dos entrevistados, é difícil falar de “homem-feminino”, pois muitas mudanças ocorreram também na subjetividade feminina, ao longo dos últimos anos. Segundo ele, muito da “afetividade do feminino” perdeu-se no momento em que a mulher entrou no mercado de trabalho para conquistar e disputar espaços.

João: — (...) Esta questão da sensibilidade feminina mudou. O exemplo típico da minha última companheira. Ela saiu da vida acadêmica para a profissional, se doutorou na França, saiu para a luta, ganhou seu dinheiro, bom salário, viaja muito. Perdeu essas coisas, ficou igual. Agora é o homem que está neste processo de adaptação.

Há mulheres que assumem “posturas masculinas”, identificadas com a racionalidade, a objetividade, a firmeza e homens carinhosos, afetuosos, que buscam cuidar dos assuntos da subjetividade com a mesma atenção que antes davam às suas vidas profissionais. No primeiro caso (as mulheres), existe um movimento centrífugo, de saída, de encontro e

incorporação com uma racionalidade instrumental (HABERMAS, 1980); no segundo (os homens), um movimento centrípeto, de valorização da intimidade, a partir da reestruturação da subjetividade. Há, portanto, uma movimentação na reorganização das identidades de gênero.

Em um poema, publicado na Revista de Articulação Nacional das Mulheres Trabalhadoras Rurais, nota-se a tendência à despolarização das identidades de gênero:

*Para cada mulher que está cansada de atuar
de maneira tímida mesmo sabendo de sua força,
existe um homem que está cansado
de parecer forte, quando se sente vulnerável.*

*(...) Para cada mulher rotulada de pouco feminina
quando compete;
existe um homem para quem a competência
é a única forma de demonstrar que é masculino.*

*(...) Para cada mulher que se sente
atada a seus filhos;
há um homem a quem se nega
prazer da paternidade.*

*(...) Para cada mulher que desconhece os mecanismos
de um automóvel,
há um homem que não aprendeu os prazeres
da arte de cozinhar.*

*Para cada mulher que caminha
em direção à sua libertação,
há um homem que descobre que o caminho para a
liberdade, tem sido para ele, um pouco mais fácil.*

(Mabel Burim)

O resultado dessa movimentação é que o campo de interseção entre as identidades masculina e feminina tem se ampliado. Denomina-se esta nova subjetividade dos gêneros, de identidade comum dos gêneros.

A identidade comum dos gêneros diz respeito aos comportamentos de homens e mulheres que incorporaram, no seu agir, padrões de comportamento identificados como sendo pertencentes ao outro gênero, aumentando a despolarização entre eles. A idéia de uma possível tendência à despolarização das identidades de gênero, no entanto, não é consensual.

Para MENDES DE ALMEIDA (1996), há uma diferença insolúvel entre as subjetividades masculina e feminina, fazendo com que seja impos-

sível se pensar em um encontro do masculino com o feminino. A autora concluiu da pesquisa que realizou com um grupo de homens no Rio de Janeiro, com um perfil semelhante ao tratado neste artigo, que o gênero masculino é despossuído de qualquer subjetividade. Segundo a autora, o padrão de comportamento dos homens é norteado pelo modelo patriarcal tido como sinônimo de ausência de subjetividade, quando, na verdade, este modelo representa um tipo de subjetividade que pode ser relacionado ao exemplo do personagem de Paulo Honório. A dimensão do conflito, do desmapeamento, da descontinuidade, da coexistência de códigos simbólicos diferentes atuando na mesma subjetividade, não foi encontrada nas entrevistas da autora supra citada.

MENDES DE ALMEIDA (1996) afirma, ainda, que seus entrevistados falaram das dificuldades de externalizarem os sentimentos, o que contradizia com a fluidez verbal que demonstravam ao longo das entrevistas por ela realizadas.

Ainda segundo a mesma autora, entender essa aparente contradição foi mais uma investida que acabou por se mostrar frustrante, à medida que grande parte das justificativas para esta dificuldade não passavam de reiterações sistemáticas da idéia matriz do medo e de derivações de um vago sentimento de insegurança que impediam essa externalização. Tanto o 'medo' quanto o 'sentimento de insegurança' não chegavam a constituir justificativas que apontassem para a existência de um núcleo privado e íntimo que devesse ser preservado. Pareciam, pois, apenas reproduzir uma espécie de convenção ligada a um universo de idéias-chave sobre o funcionamento masculino e suas 'tradicional dificuldades' frente ao mundo dos sentimentos e dos afetos (MENDES DE ALMEIDA, 1996:110).

Ao ler as entrevistas publicadas pela autora, esse vago sentimento de insegurança, ao qual ela se refere, assumiu outro significado. O adjetivo vago qualifica o substantivo sentimento, significando que a insegurança não é algo tão importante que deva ser considerada. Então, por que os homens se colocaram desta forma? Será que as dificuldades em falar ou os medos não existem, e eles falaram por falar?

As entrevistas que realizei levaram-me a conclusões divergentes das de MENDES DE ALMEIDA. A interdição do choro, da fala, da afetividade é algo extremamente opressor para os homens. Existe um núcleo privado e íntimo que deve ser preservado, escondido, esquecido, sob pena dele se

expor a rotulações e ser tratado de fraco, ou *gay*. Em uma sociedade profundamente homofóbica como a nossa, o homem admitir que tem vontade de chorar, que sofre, tem inseguranças emotivas, profissionais, sexuais é o mesmo que dizer: *olha o meu lado feminino aflorando*.

O fato dos homens precisarem da aprovação de outros homens faz com que tenham medo de que esses outros homens percebam as sensações de insuficiência que sentem. Para KIMMEL, o verdadeiro medo “não é o medo de mulheres, e sim o de se sentir envergonhado ou humilhado diante de outros homens, ou de ser dominado por homens mais fortes” (KIMMEL, 1994:129). Não seriam estes motivos sociologicamente fortes para explicar o porquê dos homens terem medo de falar de suas dificuldades?

Para MENDES DE ALMEIDA (1996), a subjetividade masculina organiza-se a partir de dois traços centrais: a alta expressividade e a recusa sistemática de profundidade. Segundo ela, a subjetividade masculina constrói-se a partir de *exo-referências*.

Ao discordar do modelo de subjetividade *exo-referência* que a autora propõe, sugiro um outro modelo: a *endo-referência*, ou seja, uma subjetividade masculina que se estrutura num movimento que ocorre para dentro, como referido anteriormente, em um movimento centrípeto e que está em processo de gestação, podendo ser considerado mais como um projeto de subjetividade.

De uma forma geral, os homens entrevistados negaram o modelo de *homem superficial*, qualificação dada por um deles:

Olavo: – *Eu vejo que o pessoal é muito machista, um machismo exacerbado. Então, o pessoal lá onde eu trabalho, os homens quase todos têm suas amantes dentro do hospital, transam com as enfermeiras. Ninguém fala nas crises de cada um, ninguém fala. O cara fala é da mulher que brigou com ele, que alugou. Mas ninguém fala da sua crise pessoal. Eu, como fiz análise e terapia, fico analisando mais ou menos a cabeça dos meus colegas. Mas conta-se nos dedos quem é que trata da cabeça. O pessoal não trata da cabeça. Não fala no assunto.*

Esse senso crítico de Olavo em relação aos outros homens que não têm preocupação com os assuntos que digam respeito à subjetividade, foi também colocado por outros entrevistados.

Ao comparar os resultados da pesquisa de MENDES DE ALMEIDA (1996) aos obtidos nesta pesquisa, pode-se concluir que há múltiplos modelos de subjetividade, mesmo dentro da camada média urbana. Esta, aliás, tem sido

uma das contribuições das pesquisas sobre subjetividade masculina e feminina, qual seja, a compreensão que não existe o masculino e o feminino, como entidades substantivadas, prisioneiras dos ditames da natureza.

Este tipo de masculinidade, que denomino “masculinidade crítica”, convive com outras configurações de prática de homens, com outras masculinidades. Isto significa que há possibilidade da coexistência num mesmo contexto social de múltiplas masculinidades, ressaltando que tratei de um tipo específico de masculinidade representada por homens pertencentes a um segmento da camada média urbana que tem como marcas de distinção serem psicologizados e intelectualizados, delimitando, assim, fronteiras dentro da própria camada média.

O tipo de subjetividade que corresponde ao tipo de masculinidade de que tratou minha pesquisa ainda está em gestação, está sendo construído e estruturado num processo de intenso conflito e mediação com outros tipos de masculinidade, que por sua vez correspondem a tipos específicos de organização da subjetividade.

Conclusão

O leitor pode colocar algumas questões: o que se pode esperar desses homens que estão repensando sua condição de gênero? Por que não transformam seus discursos num movimento que busque dar visibilidade aos seus questionamentos e insatisfações e não se contrapõem de forma mais incisiva à masculinidade hegemônica? Não seria mais correto qualificá-los como “cúmplices”, ou seja, homens que, embora não façam parte do tipo hegemônico, se aproveitam dos dividendos patriarcais?

O tipo de masculinidade que eles representam não consegue ter visibilidade social, porque a ideologia da masculinidade hegemônica, que se pauta pela divisão hierárquica, binária e assimétrica das relações de gênero, cujo discurso busca desvalorizar tudo que se refere ao feminino, consegue um nível de hegemonia que cala e/ou intimida outras masculinidades. A homofobia, a violência, o racismo, o machismo são algumas das práticas da masculinidade hegemônica na sociedade brasileira.

Tudo isso faz com que a masculinidade crítica não consiga transformar suas insatisfações e posições dentro da relação de gênero em um movimento social. Esse tipo de masculinidade consegue se expressar de forma mais visível por meio da arte. Algumas músicas, por exemplo, falam desse tipo de masculinidade. Na música *Super-homem* Gilberto Gil declara:

*Um dia
vivi a ilusão
de que ser homem bastaria
que o mundo masculino
tudo me daria
do que eu quisesse ter*

*Que nada
minha porção mulher
que até então se resguardara
é a porção melhor
que trago em mim agora
é que me faz viver... (“Super-Homem”, Gilberto Gil)*

Gonzaguinha, na música *Um homem também chora*, segue caminho parecido, ao afirmar:

*Um homem também chora
Menina morena
Também deseja colo
Palavras amenas
Precisa de carinho
Precisa de ternura
Precisa de um abraço da própria candura (...)*

Além de conseguir se expressar na arte, a ênfase da crítica à masculinidade hegemônica é filtrada com ganhos pessoais que são postos em prática nas microinterações, principalmente nas díades amorosas e na forma como passam a organizar suas subjetividades. No entanto, tais redefinições não são suficientes para se falar de “um novo homem”, que vive as transformações interiores, ao mesmo tempo que constrói um projeto igualitário de funcionamento político e social nas relações de gênero, conforme posição de NOLASCO (1993) e de BADINTER (1992). Para BADINTER, um novo homem está nascendo, finalmente reconciliado consigo mesmo e *o machão está desaparecendo de nossa civilização. Ele não tem mais legitimidade ideológica nem política. Restam alguns casos de machismo, mas são poucos* (Jornal do Brasil, 27 de março de 1993). Tais afirmações excedem em otimismo.

KIMMEL (apud CONNELL:1995) aponta o futuro das relações de gênero como incerto, mas o que se nota nas últimas décadas é o reforço do modelo de masculinidade que exalta a violência e a segregação sexual, exemplo disso seria o consumo de massas de seriados televisivos no estilo “Rambo”.

A partir da abordagem de gênero, pode-se constatar que a construção das identidades de gênero não é algo fixo, inscrito no campo da genética, por isso é possível lidar com um certo nível de indeterminação ou até imprevisibilidade na construção das relações e identidades desse tipo. Acredito que estamos num momento de transição de modelos, momento caracterizado por conflitos, crises e disputas.

Referências bibliográficas

- BADINTER, E. *Um é o outro*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira. 1986.
- _____. *XY: Sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira. 1992.
- _____. Entrevista. In: *Jornal do Brasil. Caderno Idéias*. Rio de Janeiro, 27 de março de 1993.
- BENTO, B. *Um certo mal-estar: queixas e perplexidades masculinas*. Dissertação de mestrado. Departamento de Sociologia – UnB. Brasília. 1998.
- BERGER, P. I. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. Petrópolis : Vozes. 1987.
- BLY, R. *João de ferro*. Rio de Janeiro : Campus. 1991.
- BOURDIEU, Pierre. Reprodução cultural e reprodução social. In: BIMBAUM, Pierre & CHAZEL, François (Org.s.). *Teoria Sociológica*. São Paulo : HUCITEC/EDUSP. 1977.
- _____. A dominação masculina. In: *Revista Educação e Realidade*. 1995, 20 (2).
- _____. Novas reflexões sobre a dominação masculina. In: LOPES, Marta Júlia Marques; MEYER, Dagmar Estermann & WALDOW, Vera Regina (Org.s.). *Gênero & Saúde*. Porto Alegre : Artes Médicas. 1996.
- BROD, H. & KAUFMAN, M. (Org.s). *Theorizing masculinities*. Sage Production Editor. 1994.
- CONNELL, R. W. *Masculinities*. Berkeley : University of California Press. 1987.
- _____. Políticas da masculinidade. In: *Educação e Realidade*. 1995, jul./dez., v. 20, n. 2.
- COSTA, A. & BRUSCHINI, C. *Uma questão de gênero*. São Paulo : Fundação Carlos Chagas. 1992.
- DAUSTER, T. *Laços e nós: indivíduo, família e amigos*. Rio de Janeiro : PPGMN. 1985. (Mimeo.)
- DUMONT, L. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro : Rocco, 1985.
- FIGUEIRA, S. Modernização da família e desorientação: Uma das raízes do psicologismo no Brasil. In: *Cultura da Psicanálise*. FIGUEIRA, S. (Org.). São Paulo : Brasiliense. 1985.
- _____. (Org.). *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro : Zahar. 1987.

- GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo : EDUSP. 1992.
- GOLDENBERG, M. A outra – Uma reflexão antropológica sobre a infidelidade masculina. In: NOLASCO, S. (Org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro : Rocco. 1995.
- HABERMAS, J. Técnica e ciência enquanto 'ideologia'. In: *Os pensadores*. São Paulo : Abril Cultural. 1980.
- HEILBORN, Maria L. *Conversa de portão: juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro : Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional/UFRJ. 1984.
- _____. *Dois é par: conjugabilidade, gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro : Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional/UFRJ. 1992.
- _____. Gênero e hierarquia: a costela de Adão revisitada. In: *Estudos feministas*. 1993, v. 1, n. 1. Rio de Janeiro : CIEC/ECO/UFRJ. 1993.
- KIMMEL, M. S. Masculinity as homophobia. In: BROD, H. & KAUFMAN, M. (Org.s.). *Theorizing masculinities*. Sage Production Editor. 1994.
- MENDES DE ALMEIDA, Maria Isabel. *A modernização da maternidade (1950-1980) – uma abordagem sociológica da subjetividade na família de classe média brasileira*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro : IUPERJ. 1987 (Mimeo).
- _____. *Masculino/feminino: tensão insolúvel. Sociedade brasileira e organização da subjetividade*. Rio de Janeiro : Rocco. 1996.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Mal-estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos. In: FIGUEIRA, S. A. (Org.). *Cultura da psicanálise*. São Paulo : Brasiliense. 1985.
- NOLASCO, S. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro : Rocco. 1993.
- _____. (Org.). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro : Rocco. 1995.
- ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo : Ática. 1983.
- RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. (s/r).
- SALEM, T. Família em camadas Médias: uma perspectiva antropológica. In: *B. I. B. da ANPOCS*. 1986, n. 21. Rio de Janeiro. 1986.
- SEGAL, L. *Slow motion: changing masculinities, changing men*. New Jersey : Rutgers University Press. 1990.
- VAITSMAN, J. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro : Rocco. 1994.
- VELHO, G. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro : Zahar. 1986.
- _____. A busca de coerência: coexistência e contradições entre códigos em camadas médias urbanas. In: FIGUEIRA, S. (Org.). *Cultura da Psicanálise*. São Paulo : Brasiliense. 1985.
- _____. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In: *Boletim do Museu Nacional*. 1979, n. 31. Rio de Janeiro : Museu Nacional.